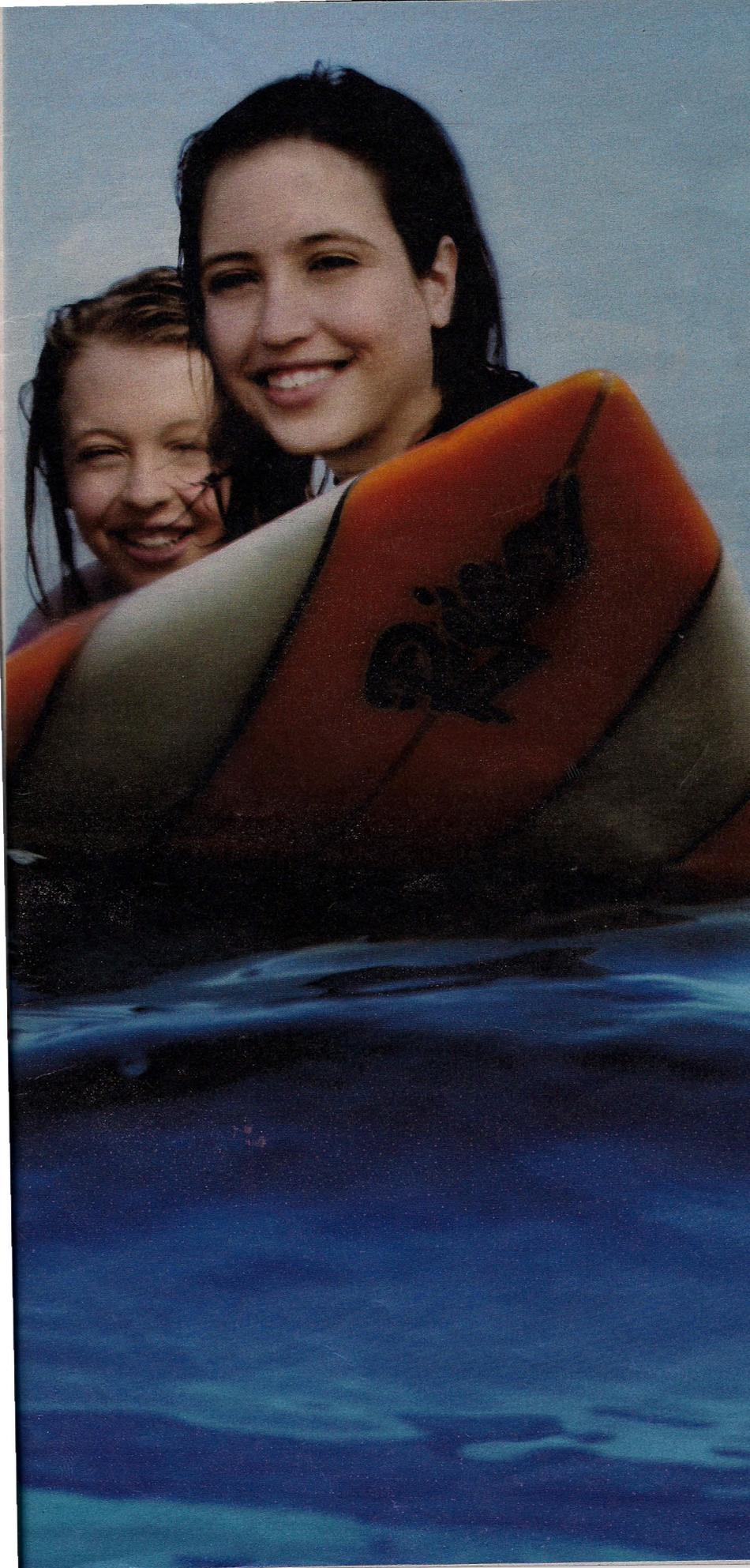


A photograph of a man and a woman in a boat on the water. The man is bald and smiling broadly, wearing a red shirt. The woman has long dark hair and is also smiling, wearing a light-colored shirt. They are both looking towards the camera. The background is a bright blue sky and water.

COM VOCÊS, UM NOVO TIPO DE PAI

Os brasileiros que ilustram as páginas desta reportagem fazem parte de uma geração que transformou o conceito de paternidade. Próximos dos filhos como nunca, são vistos por eles como verdadeiros heróis



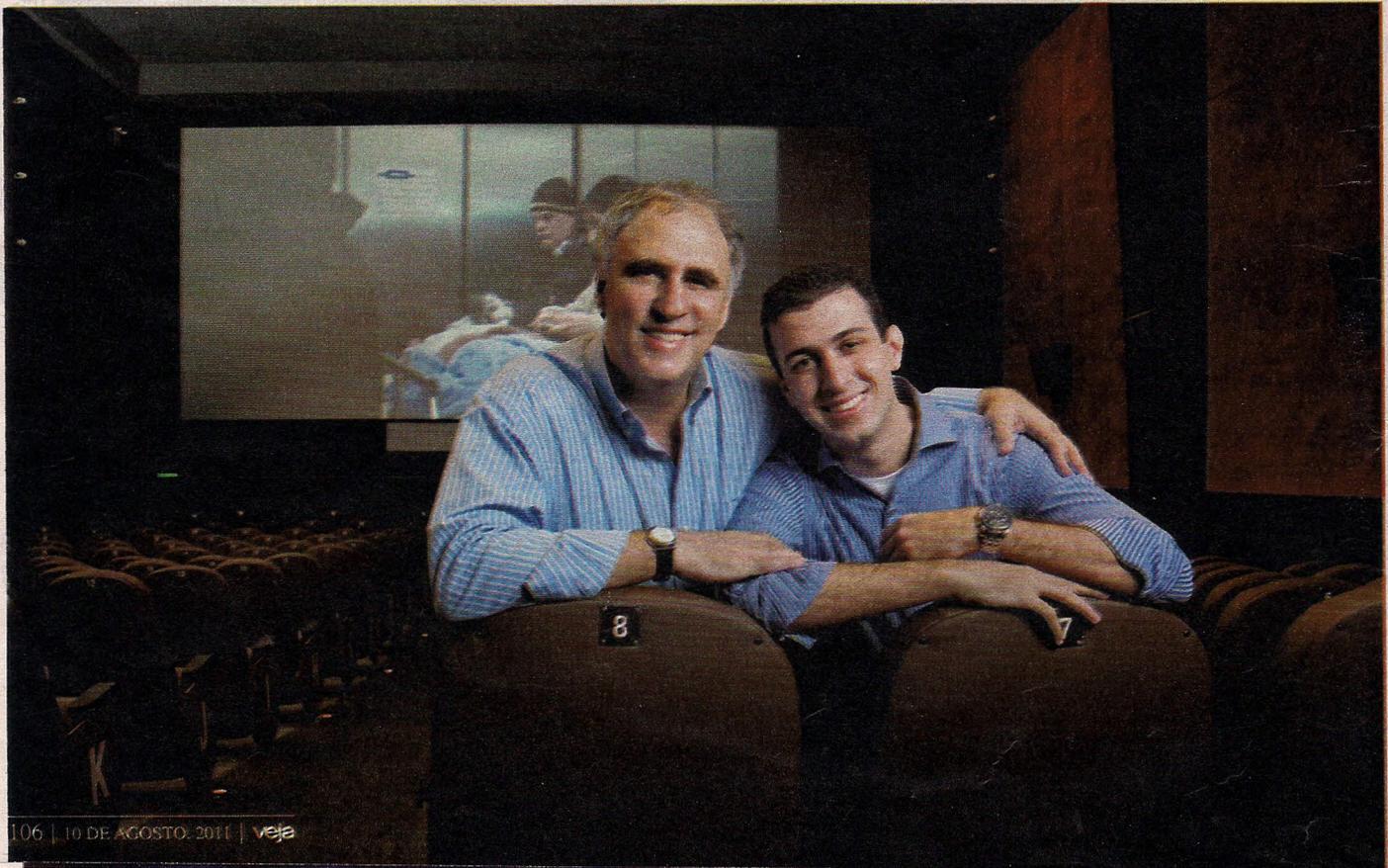
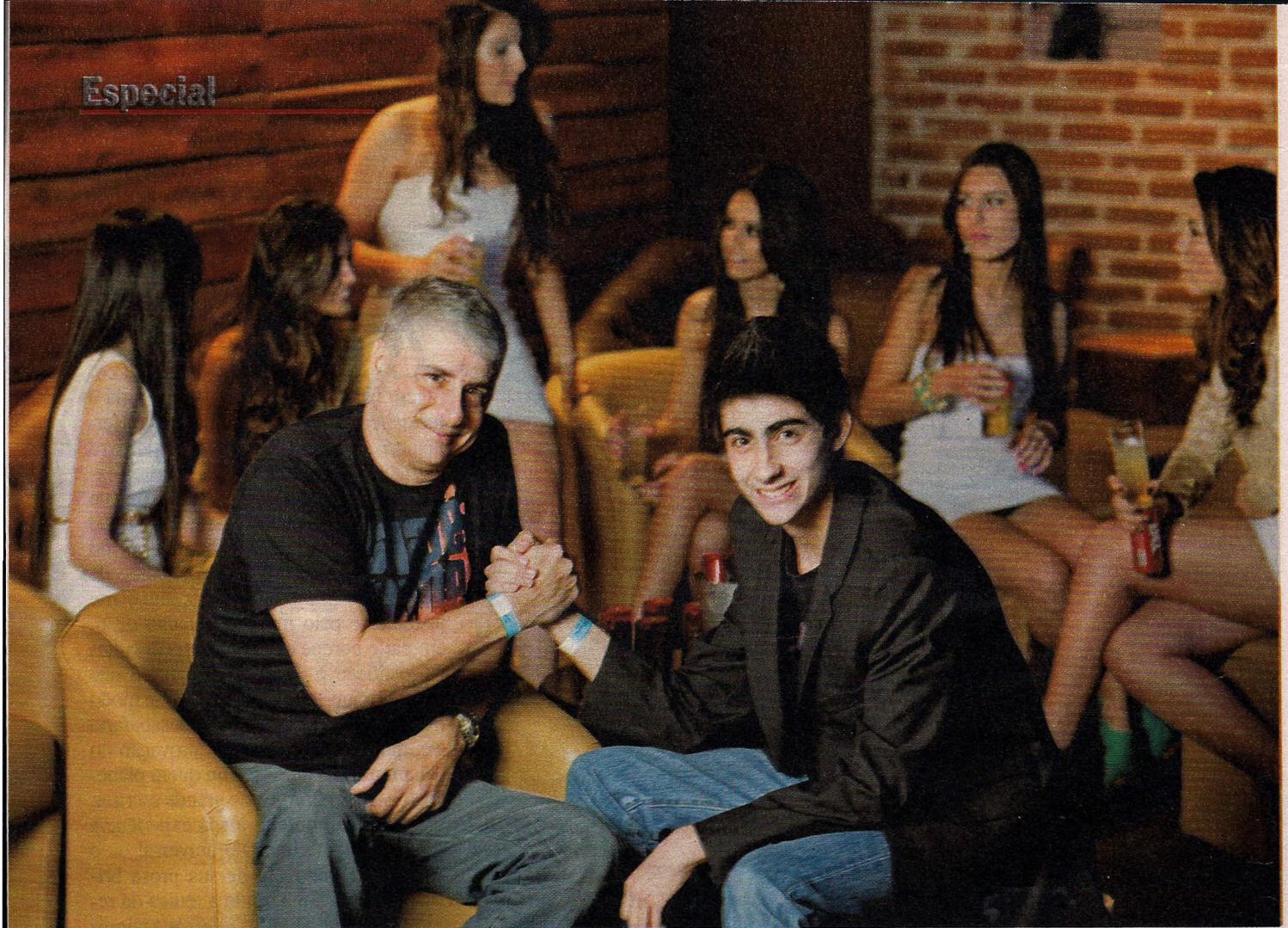
EDUARDO MONTEIRO

SANDRA BRASIL E GABRIELA ROMERO

Aos 36 anos, o escritor checo Franz Kafka (1883-1924) escreveu ao pai uma carta de mais de 100 páginas, mas não encontrou coragem para enviá-la. Seu teor só viria à luz depois da morte do comerciante Hermann Kafka, com a publicação do livro *Carta ao Pai*, em 1919. O escritor expressava ali o medo, por vezes pavor, que a figura paterna lhe despertava. “Tu me perguntaste recentemente por que afirmo ter medo de ti. Eu não soube, como de costume, o que te responder, em parte justamente pelo medo que tenho de ti, em parte porque existem tantos detalhes na justificativa desse medo que eu não poderia reuni-los no ato de falar de modo mais ou menos coerente”, desabafaria ele, que sofrera com a desaprovação do pai em relação à noiva com quem planejava casar-se. Como todo grande escritor, Franz Kafka conferiu à sua experiência particular uma dimensão universal — e escancarou por meio de sua prosa brilhante o que vinha sendo a tônica da relação entre pais e filhos desde a Antiguidade, quando se fincaram as bases das sociedades patriarcais. A figura paterna como fonte de admiração e respeito nutridos a distância, à sombra do medo a

◀ **A família que surfa unida**

Embora desde jovem tenha uma carga de trabalho pesada, o engenheiro naval **Sérgio Garcia**, de 44 anos, sempre se empenhou para arranjar tempo e manter uma intensa convivência com as três filhas — **Rafaela**, de 20 anos, **Renata**, de 15, e **Paula**, de 14. Há oito anos, começaram os quatro a fazer aulas de surfe juntos, no Rio de Janeiro. “Esse é um tempo importante — só nosso”, enfatiza o pai. As três atribuem a Sérgio, a quem recorrem em momentos de dúvida e angústia, uma grande capacidade para compreendê-las. Recentemente, a primogênita, Rafaela, só decidiu que curso superior faria depois de escutar o pai. “Foi ele quem conseguiu decifrar o que eu queria”, conta a moça, hoje matriculada em uma faculdade de economia.



◀ “Não tem amigo melhor”

Separado há treze anos, o bacharel em direito **Evaldir Tamarozzi**, de 51 anos, é dono há doze de um site dedicado à cobertura da vida noturna de Londrina — ofício no qual sempre tem a companhia dos filhos, Amanda, de 19, e **Matheus**, de 16. Embora viva no Rio de Janeiro com a mãe, o rapaz tem com o pai uma relação tão próxima que se refere a ele como “o melhor amigo que eu poderia ter nesta vida”. “*Conto tudo para ele, até as bobagens que eu faço*”, diz Matheus. Ainda que Evaldir (a quem todos chamam de Magrão) seja companheiro de balada da prole, ele garante se esforçar para que isso não subverta a hierarquia: “*Cobro deles que cumpram com suas responsabilidades*”.

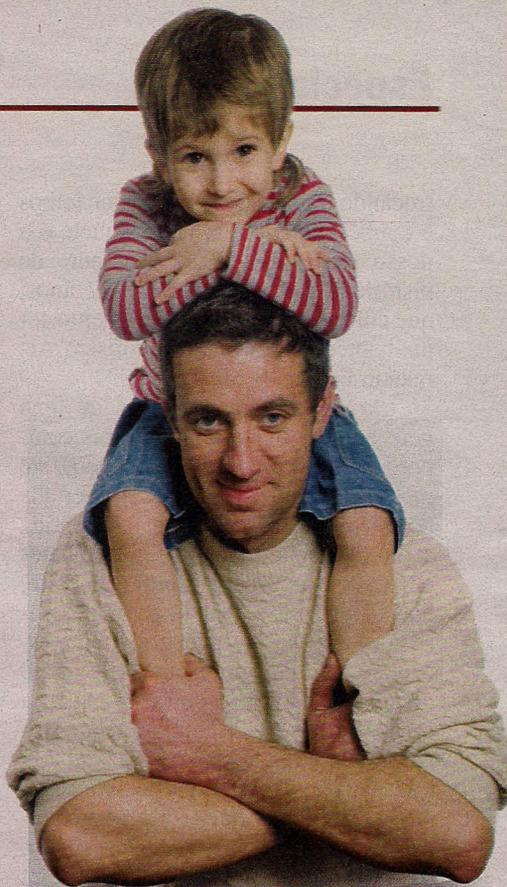
que se refere o escritor checo. A propósito: ele jamais viria a selar matrimônio com a noiva. Kafka nunca se casou.

As histórias dos pais e filhos que ilustram as páginas desta reportagem sinalizam para uma transformação radical nessa relação tão permeada de amor como de conflitos. Afirma o inglês Michael Lamb, chefe do departamento de psicologia da Universidade de Cambridge e um dos autores do livro *A Paternidade no Século XXI*: “O estreitamento do vínculo entre o pai e sua prole é, sem dúvida, uma das mudanças mais revolucionárias experimentadas pela família moderna”. Ele chama ainda atenção para o tipo de laço que emerge dessa aproximação. A relação é construída hoje muito mais sobre a base plana da cumplicidade do que sobre a lâmina do temor. A influência paterna ficou mais leve. Um sinal disso é o crescente número de filhos que, voluntariamente, requisitam a palavra de seus pais na hora de tomar decisões. Ao contrário do que a juventude da década de 60 apregoava, em seus até certo ponto salutares movimentos de contestação, os rapazes e as moças de hoje confiam em gente com mais de 30 anos — em certos casos, bem mais que 30 anos.

◀ Engenheiros e cinéfilos

Por causa dos horários de trabalho menos flexíveis da mulher, o engenheiro civil **Cláudio Gosling**, de 54 anos, passou a frequentar territórios onde reinavam as mulheres, como reuniões escolares e festinhas infantis. Acompanhou de perto a infância e a adolescência de **Luiz Antonio**, hoje com 22, estudante de engenharia e cinéfilo — tal como o pai. “*Fiquei muito confuso na hora de escolher a profissão, e as palavras de meu pai, sempre muito pé no chão, me ajudaram demais*”, afirma o rapaz. Cláudio e a mulher ilustram a tendência demográfica de crescimento do número de famílias brasileiras com um único filho. Avalia o engenheiro: “*Foi bom assim porque pude investir alto na educação dele e estar presente da maneira que eu planejava quando decidi ser pai*”.

É o que mostram várias pesquisas. Uma delas, feita sob encomenda da Editora Abril, que publica VEJA, ouviu dezesseis grupos de jovens entre 16 e 25 anos, de quatro capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre). Os depoimentos, em que os participantes se referem com frequência à figura paterna como “meu paizão” e “meu velho”, revelam que é o pai a figura com mais ascendência sobre eles em relação às fontes de leitura que buscam para se inteirar dos assuntos da atualidade. “Há uma clara aproximação intelectual entre pais e filhos. Isso porque ambos os lados passaram a ter visões de mundo mais alinhadas”, observa a psicóloga Denise Turcheto, à frente da consultoria que realizou a sondagem. Essa aproximação ocorre muitas vezes sob o mesmo teto, já que os filhos agora postergam ao máximo a saída da casa dos pais: desde 2009, cresceu de 3,3 para 4,7 milhões o número de lares brasileiros que contam com pais, mães e jovens na faixa dos 25 aos 30 anos — uma fase em que as conversas podem se dar em nível mais franco e, não raro, mais elevado. “Nos fins de semana, eu e meu pai passamos horas na cozinha de casa



O BRASIL MUDA, OS PAIS TAMBÉM

Recentes transformações na família brasileira contribuem para que os homens tenham mais tempo para dedicar aos filhos

SURTIAM NOVOS ARRANJOS FAMILIARES

1,3 milhão de homens brasileiros moram sozinhos com os filhos

AS FAMÍLIAS ESTÃO MENORES

28% dos lares brasileiros registram um único filho

OS JOVENS ADIAM A SAÍDA DE CASA

4,7 milhões de domicílios têm a presença de um filho entre 25 e 30 anos de idade — 42% mais do que em 2009

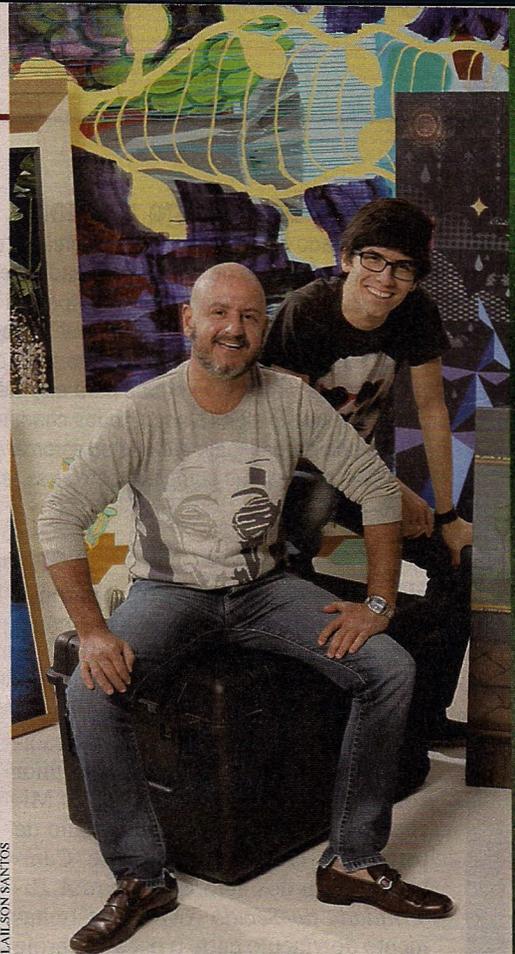
Fontes: Consultoria Cognatis com base em dados do IBGE e Kantar Worldpanel

trocando impressões sobre o que lemos e também falando da vida. Aquele é o nosso território”, diz a estudante de história Clarissa Mattos, de 22 anos, que cultiva hábitos e temperamento semelhantes aos do pai, o geofísico Armando Farias, de 55.

Ela é representante típica de uma geração que já não tem barreiras comportamentais a quebrar. Aos poucos, até mesmo a vida sexual, antes acobertada pelos jovens, passou a ser consentida sob o mesmo teto dos pais. Os embates em casa não desapareceram, é claro, mas não ter mais nenhuma grande causa contra a qual se rebelar mudou a escala de valores dos jovens deste início de século XXI. Em outra pesquisa, a cargo da consultoria Namosca, questionados sobre o que mais valorizam, 735 universitários brasileiros de sete capitais responderam que, em primeiro lugar, vem a família (59%); em segundo, os estudos (19%); e, depois, a carreira (10%). E, na família, o pai predomina como o provedor espiritual.

Nos passos do pai

Desde a infância, o ambiente profissional do marchand **Fábio Cimino**, de 48 anos, fascina o filho **Lucas**, de 22. Quando menino, ele passava horas na galeria do pai (separado de sua mãe desde que ele tinha 2 anos) e o acompanhava em feiras de arte mundo afora. Lucas formou-se em administração de empresas, teve rápida passagem pelo mercado financeiro, mas isso só veio reforçar que o que realmente queria era trabalhar com o pai em sua galeria, em São Paulo. “*Não nego que, quando ele pediu para vir para cá, fiquei exultante*”, conta o marchand. A relação entre os dois já foi conflituosa, nos tempos da adolescência de Lucas, a ponto de pai e filho recorrerem à terapia familiar. O tempo tratou de trazer equilíbrio à relação. “*Hoje conversamos o tempo todo e fazemos quase tudo juntos*”, diz o filho.



LAILSON SANTOS

PAIS NA VISÃO DE FILHOS FAMOSOS

“Na vida de um homem, não há acontecimento mais importante, nem perda mais dolorosa, do que a morte do pai.”

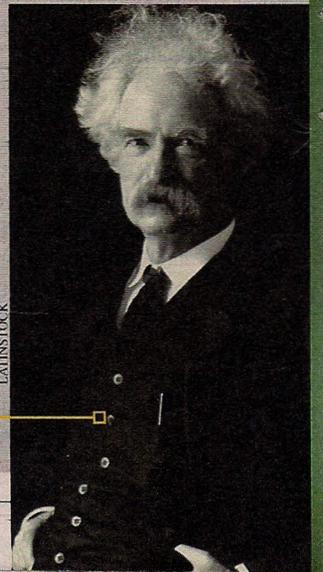
Sigmund Freud (1856-1939), pai da psicanálise, ao lado do seu pai, Jacob

“Quando eu era um garoto de 14 anos, meu pai era tão ignorante que eu mal conseguia suportar ficar perto daquele senhor. Mas, quando completei 21, fiquei estarrecido com quanto ele havia aprendido nesses sete anos.”

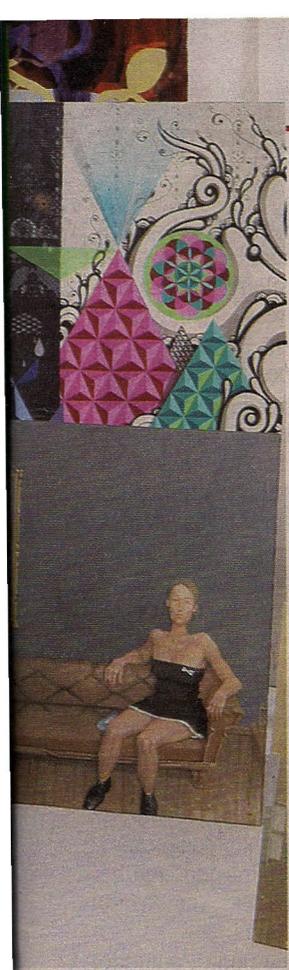
Mark Twain (1835-1910), escritor americano



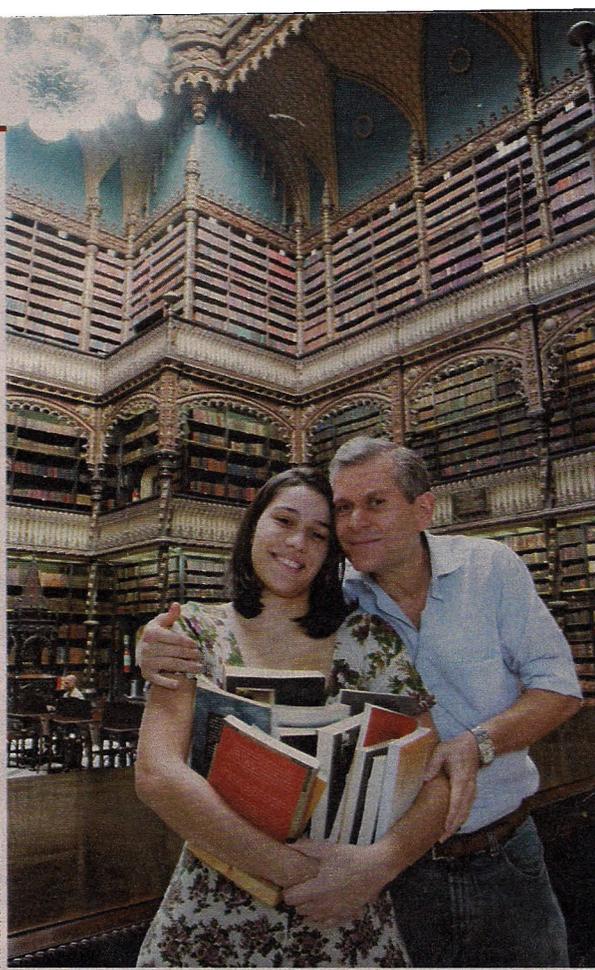
CLAUDIO GATTI



LATINSTOCK

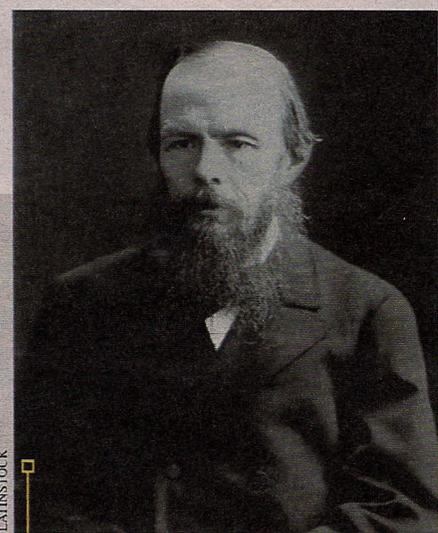


ERNANI D'ALMEIDA



Dois turrões

Aos 11 anos, a estudante de história **Clarissa Mattos**, de 22, viveu uma experiência que transformou completamente sua relação com o pai, o geofísico mineiro **Armando Farias**, de 55 anos. Em razão do trabalho, sua mãe, uma engenheira civil, precisou passar um ano em Brasília, um período em que ela e o irmão mais velho ficaram com o pai. “*Conversávamos muito nos momentos em que estávamos só eu e ele*”, lembra Clarissa, que, sob a influência paterna, estreou desde cedo na leitura dos clássicos (sobre o quais os dois travam vigorosos debates, na cozinha de casa). Pai e filha se assemelham nos gostos e hábitos – e até no gênio. “*No fundo, somos dois turrões*”, reconhece Armando.



LATINSTOCK

“Todos os homens querem a morte do pai.”
Fiodor Dostoievski (1821-1881),
no romance *Os Irmãos Karamazov*

“Percebendo a sua incompetência, um rei pode delegar ou abdicar de suas obrigações. Um pai não. Se os filhos ao menos pudessem ver o paradoxo, eles entenderiam o dilema da paternidade.”

Marlene Dietrich (1901-1992), atriz alemã naturalizada americana



ALBUMLATINSTOCK



GETTY IMAGES

“Da tua poltrona, tu regias o mundo. Tua opinião era certa, qualquer outra era disparatada, extravagante, anormal.”

Franz Kafka (1883-1924), escritor checo, em carta que nunca teve coragem de enviar ao pai



FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

“É a nossos filhos que pagamos a nossa dívida para com os nossos pais.”

Joaquim Nabuco (1849-1910), estadista brasileiro



CLAUDIO GATTI

bem na adaptação. Uma pesquisa conduzida pelo escritório brasileiro da International Stress Management Association (Isma), com 1.365 empresários e executivos de São Paulo, Porto Alegre e Belém, mostra que quase a metade deles tem hoje a família como preocupação central. Uma parcela de 3% dos entrevistados chegou a tomar medidas práticas para conseguir dedicar mais tempo aos filhos, por vezes até abandonando o velho emprego para engatar em trabalhos de horários mais maleáveis. “É um número ainda pequeno, mas sinaliza uma tendência de comportamento que os aproxima do padrão das mulheres”, observa Ana Maria Rossi, da Isma.

Até que ponto, contudo, um pai pode ser amigo de seu filho? Trata-se de uma

pergunta genérica, para a qual existe uma multidão de respostas individuais, mas que tem um parâmetro inescapável, ao menos nas famílias saudáveis, e não naquelas como a protagonista do romance *Os Irmãos Karamazov*, do russo Fiodor Dostoiévski. O autor pôs na boca de um dos personagens uma frase que adquire feições terríveis quando transportada do terreno da fantasia infantil para a realidade: “Todos os homens querem a morte do pai”. O parâmetro inescapável é que, se a mãe é uma figura com a qual os filhos mantêm trocas emocionais moldadas pela natureza, o pai é um dado cultural. Ou seja, do ponto de vista psicanalítico, ele é um fantasma originário que precisa concretizar-se no universo infantil e adolescente como referência que introduz os filhos no universo das interdições psíquicas e no âmbito das regras sociais e das leis escritas pela civilização. Numa síntese do pensamento do austríaco Sigmund Freud, pai da psicanálise (pai, repare no aposto consagrado), ao indicar ao filho e também à filha que ele ou ela não são um prolongamento da mãe, sua fonte de alimento e satisfação, o pai é a primeira pessoa a apresentar-lhes a noção de li-

▲ “Aprendi a ser um pai melhor”

A experiência do empresário **Hiram Santiago**, de 58 anos, com a paternidade pode ser dividida entre antes e depois da maturidade. Com as primeiras duas filhas, Deborah, de 30 anos, e **Paola**, de 28 (ao centro), ele foi rígido e ausente. “Quando as meninas desobedeciam, eu dava palmadas. Fui criado assim e achava que essa era a maneira certa de educar”, diz. Quando o filho **Gustavo**, hoje com 14 anos, começou a se interessar por computador e videogame, Santiago percebeu que velhos corretivos não seriam capazes de impedir que o menino passasse tempo demais em frente às maquininhas. “Fui para a terapia aprender a estabelecer limites de uma forma mais adequada”, relata. Hoje, com a caçula **Julia**, de 4 anos, Hiram é um pai inteiramente diferente. “Não preciso mais de palmada para me fazer respeitar e me tornei um pai presente.”

A revolução feminina, iniciada há meio século, também transformou a paternidade. A tradicional divisão doméstica de tarefas, segundo a qual o pai era o provedor econômico e a mãe cuidava da prole, começou a ruir. Homens passaram a desempenhar funções em que nunca haviam se aventurado e a se fazer mais presentes na rotina dos filhos, sem ter a mãe como intermediária nessa relação. Esse fato pode ser verificado com clareza na vida do engenheiro civil Cláudio Gosling, atualmente com 54 anos. Como sua mulher sempre esteve absorta em empregos de horários menos flexíveis

que os dele, Gosling passou a frequentar territórios até três décadas atrás dominados por mulheres, reuniões escolares e festinhas infantis. “Ele era a minha babá”, brinca o filho, Luiz Antonio, hoje com 22 anos (engenheiro como o pai).

A transição para esse novo modelo de paternidade não se dá sem traumas, como alerta a filósofa francesa Elisabeth Badinter: “Nunca houve tanta pressão sobre os homens. Eles devem ser profissionais exemplares, exímios trocadores de fralda e ainda inspirar autoridade”. Apesar das aflições embutidas nessa mudança de papel, até que eles estão indo



CRISTIANO MARIZ

Três gerações, muitas diferenças

A foto acima retrata três gerações da família Tostes. A estudante de administração **Bruna**, de 19 anos, sempre teve com o pai, o professor de educação física **Sérgio** (à dir.), de 52 anos, uma relação tão próxima que é ela, por exemplo, quem cuida de uma das áreas da empresa de eventos esportivos dele, em Brasília. Na idade da filha, Sérgio mantinha com o próprio pai, o executivo aposentado **Luiz Edgar**, de 70 anos (à esq.), um relacionamento muito mais distante. É algo que leva o próprio Luiz Edgar a refletir. “Quatro décadas atrás, quando criei os meus filhos, esperava-se de um pai que fosse apenas um provedor do lar”, diz ele, que tem boas lembranças das férias que passava com Sérgio e os outros quatro filhos. Hoje, avô e neta até acampam juntos. “É um tempo precioso”, define o ex-executivo.

mites. Emocionais e corporais, inclusive. Segundo Freud, a autoridade paterna é peça-chave para que a criança compreenda que é um indivíduo e terá de submeter-se a normas ao longo de toda a vida. Por isso, ele pode ser um fantasma tão odiável. Por isso, ele pode ser um homem tão adorável, seja como um modelo a ser imitado pelos filhos ou perseguido pelas filhas em seus futuros parceiros. Mesmo quando tudo dá errado, o pai pode mostrar um caminho, e se tornar um padrão a ser negado pelos dois. “Quando a diferença entre o lugar dos filhos e o do pai se torna tênue, pode ocorrer um desequilíbrio nessa dinâmica que não é bem-vindo”, diz o psicanalista Paulo Roberto Ceccarelli.

O bacharel em direito Evaldir Tamarozzi, de 51 anos, enquadra-se no perfil de pai que se populariza nos novos tempos, o do pai-amigo. Os filhos — Amanda, de 19 anos, e Matheus, de 16 —, seus companheiros de balada, referem-

se a ele pelo apelido de Magrão e o têm como “a melhor companhia do mundo”. Nessas bases, muitas vezes com os jovens reinando em casa, sem respeitar a hierarquia, pode-se imaginar como é difícil demarcar o espaço de cada um dentro do conjunto familiar. Tamarozzi diz que consegue: “Cubro deles que cumpram com suas responsabilidades”. Atualmente, a filha mora com ele, enquanto o filho vive com a mãe, de quem Tamarozzi se separou há treze anos. Arranjos como esse, aliás, têm se tornado comuns. Mais de 1,3 milhão de homens brasileiros moram sozinhos com seus filhos, de acordo com o IBGE.

Dois fatores de cunho demográfico têm influência direta sobre o elo que se estabeleceu entre pais e filhos. O primeiro diz respeito ao tamanho das famílias: 28% delas registram um único filho. O segundo tem a ver com a idade com que os homens estão se tornando pais, cada vez mais tarde. Para se ter uma ideia, já

são mais de 10 milhões os brasileiros que tiveram pelo menos um filho depois dos 50 anos, fenômeno chamado pelos demógrafos americanos de “grey daddies” (pais de cabelos grisalhos). Tal grupo vem aumentando de forma expressiva — saltou 34% em apenas seis anos, segundo um levantamento da consultoria Cognatis. “Pais mais velhos debruçados sobre a educação de um único filho estão, em geral, mais disponíveis”, analisa Reinaldo Gregori, doutor em demografia pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, responsável pelo levantamento. Esse grupo é composto, em geral, de gente que teve filhos antes, já errou muito e tenta agora tirar algo positivo da experiência anterior. Integrante dessa leva, o empresário Hiram Santiago, de 58 anos, tem quatro filhos — dos 4 aos 30 anos de idade. Ele chegou a recorrer à terapia para aprender a lidar com os acalorados conflitos que travava com sua prole mais velha. “Em que pesem todos os meus defeitos, acho que me tornei um pai melhor”, diz. Para sua caçula, Julia, Hiram é uma espécie de herói. Quando crescer, ela provavelmente terá uma visão paterna mais próxima da do escritor americano Mark Twain do que da de Kafka. Disse Twain, com seu humor peculiar: “Quando eu era um garoto de 14 anos, meu pai era tão ignorante que eu mal conseguia suportar ficar perto daquele senhor. Mas, quando completei 21, fiquei estupefocado com quanto ele havia aprendido nesses sete anos”.